

SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL À LUZ DA EPISTEMOLOGIA: Uma análise das discussões na área da Gestão Empresarial

LUCIANA PRISCILA BARROS CABRAL DE ALMEIDA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

NÁGELA BIANCA DO PRADO

MURIEL DE OLIVEIRA GAVIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Introdução

Discussões globais têm evidenciado a crescente preocupação acerca da sustentabilidade para o futuro e o desenvolvimento sustentável tem sido visto como o melhor caminho para se ter equilíbrio entre meio ambiente, economia e sociedade. Atualmente a sustentabilidade tem sido amplamente difundida na vertente corporativa, mas ainda existe um potencial empresarial para a disseminação do desenvolvimento sustentável. A reorientação para uma compreensão da necessidade de um imperativo de transformação dos padrões da sociedade capitalista pode ser discutida à luz da epistemologia (SOUZA; ARMADA, 2017).

Problema de Pesquisa e Objetivo

A amplitude e complexidade da sustentabilidade fomenta a busca pela compreensão científica consistente deste campo, mais especificamente através dos debates epistemológicos que refletem sobre a formação do conhecimento. Neste ínterim, este estudo teve como objetivo compreender a evolução dos debates epistemológicos acerca da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável existentes na literatura na área da gestão empresarial. Para tanto, utilizou-se do procedimento da revisão sistemática, via meta-análise, através da bibliometria combinada a uma análise exploratória dos principais artigos.

Fundamentação Teórica

Três principais tópicos foram fundamentados neste estudo. Primeiramente foi elaborado um panorama geral dos conceitos da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, a partir de uma abordagem histórica dos mesmos (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016). Em segundo lugar, a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável foram discutidos à luz da epistemologia, cujas principais correntes ecológicas foram elucidadas (BORLAND; LINDGREEN, 2013). Por fim, preparou-se uma reflexão da congruência da sustentabilidade e da epistemologia na área da gestão empresarial (BORIM-DE-SOUZA et al., 2015).

Metodologia

O estudo possui objetivo exploratório, natureza teórica e abordagem mista, a partir da coleta de dados secundários (GIL, 2010). Como estratégia de pesquisa, adotou-se a revisão sistemática da literatura. Uma vez que essa estratégia possui uma diversidade de métodos, optou-se pela meta-análise. Para tanto, empregou-se a técnica da bibliometria. Quanto à estratégia de coleta dos dados recorreu-se ao procedimento de busca textual nas bases da Web of Science e Scopus. A análise quantitativa foi conduzida com o auxílio do software R 4.0.2, ambientado no RStudio através do pacote Bibliometrix.

Análise dos Resultados

Com 47 artigos procedeu-se às análises de evolução, autoria, países, instituições, fontes e palavras-chave. Nos 37 principais estudos, uma análise detalhada foi feita identificando-se uma tendência desses se classificarem em: educação, indivíduo e organização. Universidades são essenciais para conscientização socioambiental do indivíduo, o qual, quando munido de informações e consciente de seu papel frente aos desafios de sustentabilidade, pode influenciar a implementação de práticas sustentáveis no âmbito organizacional, bem como considerar questões socioambientais em sua tomada de decisão.

Conclusão

Os resultados deste estudo apontam que: a) existe uma tendência das publicações a partir de 2010, cujo Brasil se destaca em termos de autoria e instituições; e b) a abordagem curricular foi a mais frequente nos artigos analisados. Mediante os achados, esta pesquisa contribui para a compreensão da tríade da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, epistemologia e gestão empresarial, em termos de evolução das temáticas debatidas, e ao abrir uma reflexão sobre a necessidade de reformulação das grades curriculares em virtude do processo de conscientização e aprendizagem do indivíduo.

Referências Bibliográficas

BODNAR, Z.; FREITAS, V. P.; SILVA, K. C. A epistemologia interdisciplinar da sustentabilidade. *Revista Brasileira de Direito*, 2016. BORIM-DE-SOUZA, R. et al. Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory. *Cross Cultural Management*, 2015. BORLAND, H.; LINDGREEN, A. Sustainability, epistemology, ecocentric business, and marketing strategy. *Journal of Business Ethics*, 2013. SOUZA; M. C. S. A.; ARMADA, C. A. S. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. *Revista de Direito e Sustentabilidade*, 2017.

Palavras Chave

Sustentabilidade, Epistemologia, Revisão da Literatura

Agradecimento a órgão de fomento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL À LUZ DA EPISTEMOLOGIA: Uma análise das discussões na área da Gestão Empresarial

1 INTRODUÇÃO

Discussões globais têm evidenciado a crescente preocupação acerca da relevância da sustentabilidade para o futuro, haja vista que vivemos em um mundo em constante mudança, onde os desafios globais para as economias, sociedades e ambientes estão se tornando cada vez mais complexos (IQBAL; KHIZAR, 2022). De maneira geral, a “sustentabilidade” é um projeto futuro a ser alcançado pelo planeta e, para tanto, o “desenvolvimento sustentável” tem sido visto como o melhor caminho para tornar este projeto possível (SOUZA; ARMADA, 2017; IQBAL; KHIZAR, 2022).

Essa relação com o futuro, no entanto, torna a compreensão da sustentabilidade um campo incerto e complexo (BONOTTO *et al.*, 2018), o qual tem suscitado fortes discussões internacionais sobre o tema (ZAMPIERI, 2006; POTT; ESTRELA, 2017). O Relatório “Nosso Futuro Comum” publicado em 1987 pela Organização das Nações Unidas (ONU), estabelece que o “desenvolvimento sustentável” é aquele cujo “desenvolvimento satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades” (WCED, 1987, p. 46).

Por sua vez, a sustentabilidade contempla diferentes dimensões, cujas mais difundidas são a ambiental, a social e a econômica, as quais compõem o “Tripé da Sustentabilidade” (ELKINGTON, 1997). Dada a sua amplitude, a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável vêm provocando um repensar, em ordem mundial, sobre como a economia é praticada atualmente, assim como a política, a ciência e a educação (SOUZA; ARMADA, 2017), em busca da promoção da harmonia social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014). O conceito de desenvolvimento sustentável, com isso, não é simples e direto, pois implica vários significados distintos e contrastantes dependendo dos contextos em que é utilizado (SILVA; ANTICH, 2020; IQBAL; KHIZAR, 2022).

O elevado potencial da epistemologia interdisciplinar acolhe fenômenos complexos como a sustentabilidade (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016), haja vista que a problemática da sustentabilidade exige um processo complexo do conhecimento e do saber, a fim de apreender os processos materiais que configuram o campo das relações sociedade-natureza (SILVA; ARAÚJO; SILVA, 2019). Em outras palavras, quando se observa a sustentabilidade sob a ótica epistemológica, se percebe que existe uma necessidade de reorientação para uma compreensão da necessidade de um imperativo de transformação dos padrões da sociedade capitalista (SILVA; ARAÚJO; SILVA, 2019).

No contexto corporativo, a sustentabilidade é frequentemente abordada de acordo com o Tripé da Sustentabilidade, o qual sugere que os objetivos de negócios são inseparáveis das sociedades e ambientes em que operam (SOUZA; ARMADA, 2017; IQBAL; KHIZAR, 2022). Neste sentido, novas tecnologias sustentáveis estão surgindo com o intuito de ajudar as empresas a reutilizar materiais, preservar a natureza, melhorar a saúde das pessoas, animais e vegetais, além de manter a lucratividade (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014).

Apesar de tais esforços, mediante Souza e Armada (2017), a transição para a sustentabilidade exigirá que se transfira a ênfase no crescimento econômico para o efetivo desenvolvimento sustentável e isso dependerá da capacidade humana de pensar e reconhecer, a um prazo mais longo, que a qualidade de vida humana dependerá de sua própria capacidade de reconhecer, respeitar, administrar e sustentar a diversidade.

Diversos estudos buscaram analisar os aspectos sustentáveis no contexto corporativo à luz da epistemologia (FERGUS; ROWNEY, 2005; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012;

BORLAND; LINDGREEN, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; ZUPIC; ČATER, 2015; KEMPER *et al.*, 2020; IQBAL; KHIZAR, 2022). No entanto, nenhuma pesquisa quantificou e analisou a evolução e a contribuição de tal literatura para o campo da gestão de empresas.

Parte-se, assim, da premissa de que no mundo globalizado, o movimento do avanço do capital merece uma reflexão (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014). Em consonância com Souza e Armada (2017), a atual crise socioambiental exige mudanças de comportamento arraigadas e determinam novos paradigmas a serem superados. Em outras palavras, a urgência da sustentabilidade tem impulsionado novas formas de condução de negócios, a partir de estratégias que ultrapassem impulsos por eficiência e competitividade (BORLAND; LINDGREEN, 2012).

Com base nessa exposição, o objetivo deste estudo é compreender os debates epistemológicos entre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável e a gestão empresarial.

A proposição do objetivo apresentado justifica-se, primeiramente, pela investigação do embate humano contemporâneo acerca da necessidade de se repensar formas de equilibrar a manutenção da biodiversidade ambiental, as questões sociais e o progresso econômico (ROCHA, 2001). Em segundo lugar, existe uma demanda teórica pela análise epistemológica na produção do conhecimento científico em termos gerais. Por exemplo, Barcellos e Dellagnelo (2010), Rocha (2011), Bodnar, Freitas e Silva (2016) e Albuquerque *et al.* (2018) elucidam a importância das discussões, reflexões, redescobertas e compreensão das perspectivas que integram a sustentabilidade. Mais lucidamente, existem lacunas teóricas que demandam uma reflexão filosófica alinhada a competência científica da sustentabilidade, o que é justamente um assunto subsidiado pelo campo da epistemologia.

No que tange à tendência dos debates sobre sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e epistemologia no campo da gestão empresarial, Barter (2016) defende que é preciso difundir o dualismo cartesiano de que o meio ambiente é uma entidade separada dos humanos. Ainda segundo o autor, a vertente corporativa é um ator-chave no desenvolvimento sustentável. Portanto, abordagens epistemológicas sobre o desenvolvimento sustentável no campo de gestão podem permitir que a temática seja ampliada em termos de pesquisa (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012), de forma a subsidiar atitudes e formação de profissionais da área e, principalmente, de futuros gestores (TRINDADE *et al.*, 2019).

A fim de atingir o objetivo proposto, o estudo adotou o procedimento da revisão sistemática da literatura. Mais especificamente, empregou-se o uso da meta-análise, via bibliometria, a fim de compreender a evolução dos debates epistemológicos acerca da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável na literatura, com foco na área de gestão. Adicionalmente, recorreu-se a uma análise exploratória com o objetivo de entender quais as temáticas que estão sendo debatidas. Com os resultados deste estudo espera-se contribuições teóricas, práticas e sociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção apresentam-se os principais marcos teóricos de embasamento do estudo, fornecendo-se um panorama geral da sustentabilidade e desenvolvimento sustentável e desses conceitos com a epistemologia e a gestão empresarial.

2.1 Um panorama geral da Sustentabilidade e do Desenvolvimento Sustentável

As primeiras sociedades civilizatórias são historicamente responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura intensiva. Nessa época, a literatura pouco sugere que havia preocupações com os danos ecológicos que tal atividade causava ao meio ambiente (HECTOR;

CHRISTENSEN; PETRIE, 2014). Segundo Viégas (2009), a natureza era vista como matéria-prima, depositária de recursos para atividades econômicas, fonte de elementos nutricionais ou território selvagem.

Ao longo dos anos, a “natureza” passou a se tornar “meio ambiente” ao passo em que foi sendo apropriada por múltiplas formas, sendo objeto de lutas simbólicas e significações, e passou a ser enxergada para além de depositária de recursos econômicos ou destinada ao consumo estético ou terapêutico sob a forma de paisagem, mas detentora de um novos atributos cuja durabilidade se precisou garantir. Assim, o meio ambiente passou a ser visto como patrimônio, com relações indissociáveis à raça humana (VIÉGAS, 2009).

Mesmo diante do reconhecimento da natureza para além de fonte de matérias-primas, o desenvolvimento do ser humano, evidenciado pelos avanços tecnológicos, se intensificou ao longo dos últimos 200 anos e, nesse período, o homem buscou veemente controlar a natureza (SOUZA; ARMADA, 2017). No entanto, nas décadas de 1950 e 1960, as consequências da rápida industrialização do mundo ocidental atraíram considerável atenção às questões ambientais, com uma preocupação crescente de que alguns recursos se esgotariam em breve, de que os danos ambientais se tornavam graves e intratáveis, e de que o modelo socioeconômico moderno estava ameaçado (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014; ALBUQUERQUE *et al.*, 2018).

Tais preocupações começaram a se acentuar no início da década de 1970, com o crescimento desordenado das cidades e o aumento no ritmo de crescimento populacional, alterando significativamente a constituição da biosfera (SOUZA; ARMADA, 2017). Ainda na década de 1970, a ONU realizou uma sucessão de conferências e encomendou relatórios sobre uma série de questões ambientais e de conservação. Em particular, de grande importância nesta série foi o relatório da Comissão de Brundtland “*Our Common Future*” (“Nosso Futuro Comum”), o qual estabelece que a sustentabilidade deve ser uma preocupação emergencial (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014).

Esse mesmo relatório afirmou que havia três grandes desafios para a humanidade: reduzir a pobreza no mundo em desenvolvimento, proteger o meio ambiente e garantir um legado positivo para as gerações futuras (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014). Com isso, na Conferência da ONU sobre Meio Ambiente Humano de Estocolmo, realizada no ano de 1972, o tema central era a necessidade de compatibilizar o desenvolvimento com a preservação dos recursos naturais (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016).

Ainda neste ano – 1972 – a publicação do relatório do Clube de Roma, “*The Limits to Growth*” (“Os Limites para o Crescimento”), chamou a atenção para o desafio de prover uma população global cada vez maior. Isto foi seguido por várias conferências da ONU e, em 1987, o relatório da Comissão de Brundtland, fez a conexão entre problemas ambientais e a pobreza em nações em desenvolvimento e tornou explícita a necessidade de considerar as questões de equidade intergeracional. Tal relatório argumentou que o caminho para reduzir a degradação ambiental estava em abordar a pobreza no mundo em desenvolvimento de maneira sustentável (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014).

A partir de então, o conceito de desenvolvimento sustentável emergiu, cuja definição mais amplamente utilizada e aceita foi originada de tal relatório de Brundtland, sendo definido como “o desenvolvimento que atende às necessidades da presente geração sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades” (WCED, 1987, p. 46).

Já na Conferência do Rio de Janeiro, a qual ocorreu em 1992, as questões que permeiam a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável começaram a ser pensadas no âmbito dos países em desenvolvimento (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014). Dez anos depois, na Rio+10, realizada em Johannesburgo, um conceito mais completo de sustentabilidade surge quando se consagrou, além da dimensão global, as perspectivas ecológica, social e econômica,

como qualificadoras de qualquer projeto de desenvolvimento, bem como a certeza de que, sem justiça social, não é possível alcançar um meio ambiente sadio e equilibrado na sua perspectiva ampla (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016).

Assim, a partir de 2002, consolida-se a ideia de que nenhum dos elementos (ecológico, social, espacial e econômico) deve ser hierarquicamente superior ou compreendido como variável de segunda categoria (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016). Dada a interdisciplinaridade de tal conceito, o desenvolvimento sustentável começou a ganhar uma complexidade, cujos estudiosos ainda hoje não conseguiram chegar a um consenso quanto a um termo consistente que se adaptasse a todas as tentativas de formulação de políticas de sustentabilidade (VIÉGAS, 2009; BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014; SOUZA; ARMADA, 2017).

De forma geral, o desenvolvimento sustentável tem sido amplamente adotado porque fornece um caminho prático que fez pelo menos algum progresso na identificação de soluções para os problemas expostos pelo discurso sobre sustentabilidade (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014). As diversas definições também são congruentes à medida que afirmam que o desenvolvimento sustentável é um processo que promove o desenvolvimento humano com uma abordagem inclusiva, conectada, equitativa, prudente e segura (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015), com a perspectiva de longo prazo (SOUZA; ARMADA, 2017).

Em suma, a sustentabilidade foi definida a partir de um longo processo histórico, bem como, da tomada da consciência sobre os problemas ambientais, crises econômicas e desigualdades (SOUZA; ARMADA, 2017). A sustentabilidade, com isso, é um estado final no qual as necessidades atuais e futuras da humanidade e as necessidades da natureza são satisfeitas e existem em alguma forma de equilíbrio dinâmico, enquanto o desenvolvimento sustentável é considerado o meio ou processo pelo qual o equilíbrio de sustentabilidade é alcançado (HECTOR; CHRISTENSEN; PETRIE, 2014).

2.2 A Sustentabilidade e o Desenvolvimento Sustentável à luz da Epistemologia

Como já mencionado, nas décadas de 60 e 70, a degradação socioambiental começou a adquirir um caráter global, pautando não apenas o crescimento e a estabilidade da economia sustentada pelo progresso científico-tecnológico, mas também os problemas de comunicação, energia, risco, tradições, família e democracia (LEFF, 2011). Nessas décadas, uma crise ambiental irrompeu o século como uma crise de conhecimento que construiu um mundo insustentável ao problematizar o modelo de racionalidade da modernidade, baseado no pensamento linear e mecanicista (ROCHA, 2001; SOUZA; ARMADA, 2017).

A epistemologia, também conhecida como “Teoria do Conhecimento”, em geral diz respeito à justificação e verdade das crenças (NAGATSU *et al.*, 2020). Para Rocha (2001), a epistemologia, enquanto filosofia do conhecimento, reflete sobre o conhecimento, mas, buscando rigor, procura transferir a discussão filosófica para a objetividade científica. Neste mesmo sentido, para Brasil, Pompeu e Oliveira (2014), a epistemologia estabelece condições necessárias para examinar as relações entre as teorias e os fatos.

A epistemologia, portanto, possui caráter interdisciplinar, uma vez que busca estudar a produção do conhecimento científico tanto do ponto de vista lógico, quanto dos pontos de vista linguístico, sociológico, ideológico, antropológico (SERVA, 2012), e surge como necessária e indispensável, principalmente por apresentar como estratégia cognitiva a problematização e evitar a “simplificação” dos problemas sociais (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016). A epistemologia tem suas raízes na filosofia da ciência (ROCHA 2001; SERVA, 2012) e suas primeiras abordagens, na ciência clássica, foram fundamentadas nas necessidades explicativas dos fenômenos de seu tempo histórico (OSORIO; LOBATO; CASTILLO, 2009).

Na contemporaneidade, as questões ecológicas têm atravessado a vida social e redefinido as relações humanas, principalmente com o meio ambiente, causando uma espécie de indissociabilidade. Nesse contexto surgem as epistemologias ecológicas, as quais delimitam uma região do debate teórico-filosófico contemporâneo que compreende autores de diversas origens disciplinares e diferentes opções teóricas, cujo ponto em comum é o esforço para a superação de dualidades modernas, tais como natureza e cultura, sujeito e sociedade, corpo e mente, artifício e natureza, sujeito e objeto (STEIL; CARVALHO, 2014).

As epistemologias ecológicas reivindicam a materialidade e a autonomia do mundo, bem como repensam o estatuto da realidade (STEIL; CARVALHO, 2014). Ademais, estabelecem princípios éticos e normativos: vida humana em harmonia com as condições ecológicas do planeta, diversidade cultural, reconhecimento do outro, incluindo normas técnicas para controle e avaliação ambiental (LEFF, 2011). Em outras palavras, as epistemologias ecológicas reúnem teorias e reflexões que não se deixam reduzir ou unificar em um movimento coletivo deliberadamente organizado, mas apresentam certa convergência, assumindo referências ecológicas na estruturação de seus modos de conhecer (STEIL; CARVALHO, 2014).

A epistemologia tecnocentrista parte do pressuposto de que o planeta é inerte e passivo, o que legitima a contínua exploração e aproveitamento da terra. Sob essa perspectiva, os seres humanos constituem um foco tecnocêntrico, por isso têm a liberdade de destruir as criações naturais em prol de seu próprio ganho pessoal. Desta forma, o padrão de pensamento dominante no paradigma tecnocêntrico é “egoísta”, linear e instrumental (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015). Essa epistemologia é amplamente criticada, pois basicamente defende que o avanço tecnológico deve seguir seu curso, mesmo que os recursos naturais não sejam poupados (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014). Por isso, o tecnocentrismo é complementado pela versão institucional do desenvolvimento sustentável. Esta versão, representada por discussões e decisões propostas por diversas instituições, insere o desenvolvimento sustentável em uma abordagem desenvolvimentista que tem como foco a promoção de um crescimento econômico limpo e igualitário. Com isso, as empresas devem assumir a liderança nos aspectos relacionados ao desenvolvimento sustentável (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

Já o ecocentrismo é a “bandeira” defendida pelos militantes dos direitos dos animais, dos ambientalistas, ecofeministas espirituais, fazendeiros orgânicos e os ecologistas da restauração (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014), os quais defendem que os seres humanos não têm a liberdade de explorar o sistema natural em níveis além de satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015). Assim, o ecocentrismo reflete uma tradição árcade de ecologia – ecossistêmica – que adota uma atitude normativa e não intrusiva em relação ao objeto de estudo (BORLAND; LINDGREEN, 2012). No meio empresarial, as estratégias de transformação ecocêntricas mudam a natureza do produto vendido, de modo que possam potencialmente aumentar os retornos financeiros por meio de diferenciação baseada em sustentabilidade e vantagem competitiva (BORLAND; LINDGREEN, 2012).

O sustencentrismo, por sua vez, é alternativa viável entre o tecnocentrismo e o ecocentrismo, uma vez que atende as necessidades dos seres humanos, respeitando os limites ambientais, mas sem desprezar a tecnologia e a técnica. Portanto, o paradigma sustencentrico representa uma espécie de síntese entre a visão tecnocêntrica e a ecocêntrica (BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014). Assim, mediante Brasil *et al.* (2014), o sustencentrismo supera os paradigmas tecnocêntrico e econocêntrico nos seguintes meios: inclusivo, conectado, equitativo, prudente e seguro.

Haja vista que o conceito de desenvolvimento sustentável traz consigo a percepção de que o desenvolvimento necessita de múltiplos olhares científicos, analíticos, como forma de

compreensão da necessidade de se levar em consideração o ciclo ou o tempo da natureza, evitando o esgotamento de bens naturais, surge a necessidade de se refletir e compreender à luz de perspectivas epistemológicas interdisciplinares o desenvolvimento de forma sustentável, ou seja, de se pensar de forma interdisciplinar uma sociedade sustentável, que acolha e preserve a vida humana como uma das formas de vida que compõe a totalidade do mundo (ALBUQUERQUE *et al.*, 2018).

2.3 Sustentabilidade, Desenvolvimento Sustentável, Epistemologia e Gestão Empresarial

A partir do século XX, as reflexões sobre os efeitos resultantes do crescimento das atividades econômicas começaram a aquecer os debates sobre a sustentabilidade no meio corporativo (AMOIRADIS; SRANKOVA, 2020). Contudo, por muito tempo, a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável foram vistos como alheios às vertentes corporativa, econômica e capitalista, como se fosse impossível internalizar a dimensão ambiental ao processo de desenvolvimento (ROCHA, 2001; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015). Hoje, nas empresas, a temática da sustentabilidade perpassa o desafio de integrar o dualismo do meio ambiente e das necessidades humanas (BORLAND; LINDGREEN, 2012).

Segundo Amoiradis e Srankova (2020), a epistemologia integra os debates acerca da sustentabilidade na vertente corporativa ao tratar de como a sustentabilidade em tal vertente é abordada. Ainda pela ótica da epistemologia, Fergus e Rowney (2005) e Brasil *et al.* (2014) afirmam que as organizações têm a responsabilidade ética de revalorizar o desenvolvimento sustentável, levando a um discurso baseado em um processo integrado e inclusivo de celebração da diversidade em todas as suas formas.

Também sob a perspectiva epistemológica, Borland e Lindgreen (2012) afirmam que a tarefa mais urgente das corporações é assegurar que o “ecocentrismo” entre em qualquer formulação de desenvolvimento de teoria organizacional e prática de gestão e que as relações organização-ambiente promovam a sustentabilidade ecológica. Ainda segundo Borland e Lindgreen (2012) e Borim-de-Souza *et al.* (2015), dado que as corporações têm o conhecimento, os recursos e o poder para provocar mudanças nos ecossistemas, na política governamental e no comportamento do consumidor, elas podem realmente contribuir à sustentabilidade. Para tais autores, as corporações são os principais motores do desenvolvimento econômico e são capazes de mudarem o foco das estratégias para a recuperação ambiental, mas, ao invés disso, elas são vistas como vilãs, ao representarem o sujeito mais “anti-sustentabilidade” da sociedade (ALBUQUERQUE *et al.*, 2018).

Segundo Fernández, Sanjuán e Ávalos (2017), ainda não existe um consenso prático sobre como os agentes econômicos podem contribuir para o desenvolvimento sustentável. No entanto, para Borland e Lindgreen (2012), há algumas estratégias transformacionais que permitem às empresas a trabalhar dentro das restrições dos ecossistemas naturais, que incorporam a eco eficácia e a eficácia social. Neste mesmo discurso, Brasil *et al.* (2014) afirmam que, ao nível operacional, deve-se ao máximo tentar reverter à tendência de degradação ambiental, focando nas seguintes questões: reflorestamento, recuperação e reestruturação das formas de armazenamento da água, economia de energia e proteção da fauna, flora entre outros.

Algumas estratégias incluem abordagens holísticas de ampliação do ciclo de vida dos produtos (do “berço ao berço”), 3Rs, prevenção da poluição, eliminação de desperdício, tecnologias limpas, *redesign* de produtos, dentre outras que não causem impactos socioambientais nocivos (BORLAND; LINDGREEN, 2012; FERNÁNDEZ; SANJUÁN; ÁVALOS, 2017). Ademais, o conceito de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) vem emergindo como um construto multidimensional, composto pela preocupação com acionistas e proprietários, *stakeholders* e bem-estar da comunidade (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; FERNÁNDEZ; SANJUÁN; ÁVALOS, 2017).

Embora existam diversas iniciativas empresariais em prol da sustentabilidade, Fergus e Rowney (2005) afirmam que os ideais do desenvolvimento sustentável podem ser incluídos no pensamento organizacional apenas quando esses ideais forem integrados aos processos cognitivos reais dos atores dentro das organizações. Para tanto, os autores afirmam existir uma necessidade de mudança epistemológica na forma como as empresas entendem o mundo e isso só será possível quando a essência do valor e da ética foram a base da construção de estratégias das organizações.

Quando Fergus e Rowney (2005) afirmam que o desenvolvimento sustentável somente será alcançado a partir de processos cognitivos reais dos atores dentro das organizações, eles querem dizer que principalmente gestores devem ser racionais e intuitivos, ou seja, devem ser conscientes tanto na perspectiva pessoal quanto na motivação de seus funcionários. Em outras palavras, Fergus e Rowney (2005) defendem que um tipo de liderança participativa pode ser útil, em que as decisões são tomadas envolvendo, no nível máximo possível, todos aqueles cujas vidas são afetadas pelo resultado.

Conclui-se que estratégias transformacionais não são facilmente implementadas, pois exigem mudanças de identidade corporativa, isto é, a incorporação da sustentabilidade na missão, visão, valores, metas e objetivos do negócio (FERGUS; ROWNEY, 2005; BORLAND; LINDGREEN, 2012). Deve-se considerar, em última análise, que a sociedade como consumidora, tem o poder de mudança na lógica econômica e na demanda por produtos orientados à sustentabilidade (FERGUS; ROWNEY, 2005; VIÉGAS, 2009; BRASIL; POMPEU; OLIVEIRA, 2014; ALBUQUERQUE *et al.*, 2018).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui objetivo exploratório, natureza teórica e abordagem mista, a partir da coleta de dados secundários (GIL, 2010). Como estratégia de pesquisa, adotou-se a revisão sistemática da literatura. Uma vez que essa estratégia possui uma diversidade de métodos, optou-se pela meta-análise. Segundo Okoli (2019), a meta-análise agrega resultados, estatisticamente, de dois ou mais estudos independentes sobre uma mesma questão de pesquisa. Em outras palavras, a meta-análise envolve uma análise quantitativa de um determinado fenômeno e, quando realizada com rigor, agrega resultados de alto nível para o campo de pesquisa (BARBOSA *et al.*, 2019). Portanto, a meta-análise apresenta-se como a estratégia ideal para alcance do objetivo deste estudo.

Para tanto, empregou-se a técnica da bibliometria. Segundo Khatib *et al.* (2021), a bibliometria analisa e constrói indicadores sobre a dinâmica e evolução de informações científicas e tecnológicas de determinadas disciplinas e áreas, isto é, mensura taxas de produção, qualidade e difusão do conhecimento científico, assim como possibilita identificar e avaliar a evolução de temáticas específicas. Os procedimentos de bibliometria são baseados em abordagens quantitativas projetadas para identificar, descrever e avaliar pesquisas publicadas de forma a tornar o estudo menos suscetível ao viés de julgamento e às idiosincrasias dos revisores refletidas nas revisões qualitativas (BRETAS; ALON, 2021).

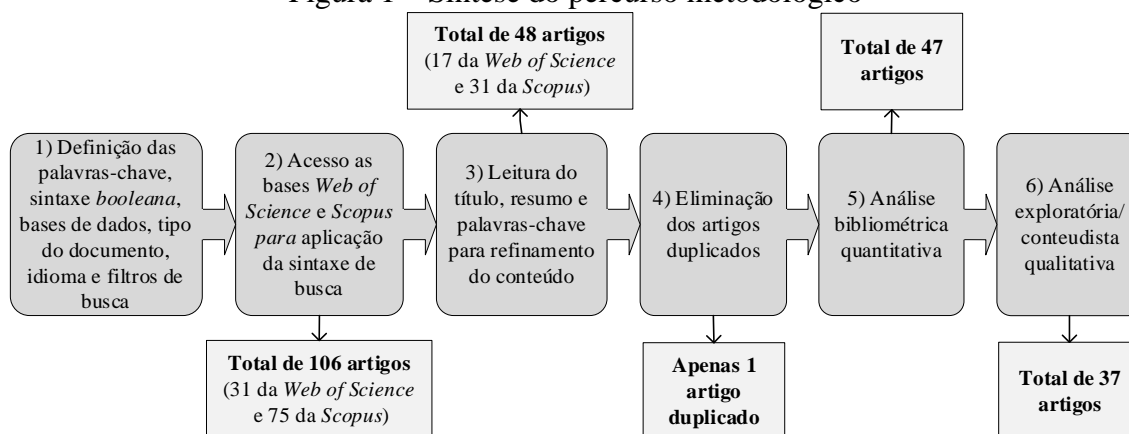
Quanto à estratégia de coleta dos dados recorreu-se ao procedimento de busca textual por meio de *strings* definidas nos campos de busca das bases mencionadas, de acordo com a metodologia apresentada em Zupic e Čater (2015) para a revisão bibliométrica. Para tanto, o conjunto de documentos utilizados para análise neste estudo foi extraído a partir das bases de dados *Web of Science* e *Scopus*. Ambas as bases foram escolhidas por serem internacionalmente conhecidas, indexarem revistas de diversas áreas temáticas, serem amplamente utilizadas por pesquisadores de diferentes níveis e áreas de formação acadêmica e apresentarem um grande número de metadados dos documentos (JI; TAO; RIM, 2020; BAUTISTA-BERNAL; QUINTANA-GARCÍA; MARCHANTE-LARA, 2021; BRETAS; ALON, 2021; KHATIB *et*

al., 2021; NOBANEE *et al.*, 2021).

A coleta ocorreu no mês de maio de 2022 e considerou apenas artigos publicados em estágio final, escritos em inglês e pertencentes às áreas de administração (*management*) e/ou gestão (*business*). Mais especificamente, utilizou-se da seguinte *string booleana* para a busca dos termos nos títulos, resumos e palavras-chave: (*sustainability OR sustainable development*) *AND epistemolog**. Os artigos, por sua vez, foram selecionados e utilizados no formato *bibtex*.

No tocante a análise quantitativa bibliométrica, essa foi conduzida com o auxílio do *software R 4.0.2*, ambientado no *RStudio* na versão *1.3.959* (BUNN; KORPELA, 2013), mais especificamente através do pacote *Bibliometrix* (ARIA; CUCCURULLO, 2017). Como citado no item “delineamento metodológico”, as análises bibliométricas permitem analisar a atividade científica sob diferentes perspectivas (BAUTISTA-BERNAL; QUINTANA-GARCÍA; MARCHANTE-LARA, 2021). No entanto, o emprego dos indicadores utilizados depende do objetivo da investigação (BRETAS; ALON, 2021). A figura 1 foi criada para ilustrar os seis passos metodológicos percorridos nesta pesquisa.

Figura 1 – Síntese do percurso metodológico



Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

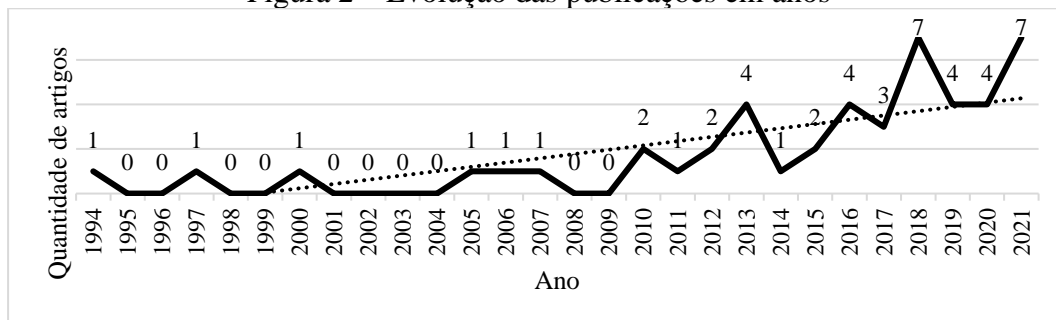
4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

4.1 Análise descritiva bibliométrica

4.1.1 Evolução das publicações

A primeira análise quantitativa abordou a evolução da temática, ao longo dos anos, conforme ilustra a figura 2. A partir da observação da mesma é possível detectar que a primeira publicação surgiu em 1994. Desde então, a temática da sustentabilidade, de um modo geral, tem aumentado e demonstra comportamento de ascensão.

Figura 2 – Evolução das publicações em anos



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da revisão sistemática (2022)

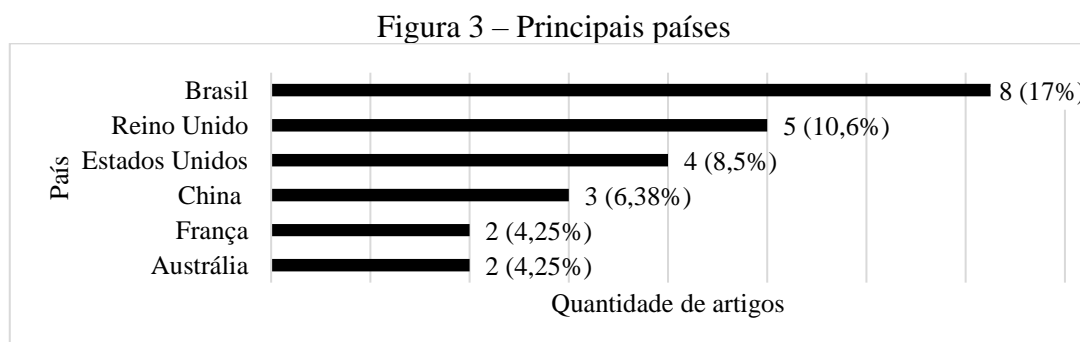
O período coincide com a publicação da Declaração de Nusa Dua, no Fórum Ministerial Global sobre Meio Ambiente do PNUMA, em Bali, Indonésia, na qual ministros do meio ambiente e chefes de delegações ressaltaram a importância da biodiversidade, a necessidade urgente de combater as mudanças climáticas e as vantagens de avançar para uma economia verde (UNEP, 2020). Seguido pela publicação do Relatório Nosso Futuro Comum, na Conferência da ONU, em 2012, que buscou destacar a importância das instituições de ensino superior na promoção da pesquisa e inovação para o desenvolvimento sustentável e reconheceu importância da colaboração entre o meio acadêmico, o governo e a comunidade local para alcançar a sustentabilidade (ONU, 2012).

4.1.2 Autoria

Quanto aos principais autores, os dados revelam que 148 pesquisadores tratam da temática. No entanto, dois foram destacados por possuírem mais de uma publicação: Rafael Borim de Souza, com 3 artigos, da Universidade Estadual de Londrina (Brasil), e Zandra Balbinot, com 2 artigos, da Université du Québec à Montréal (Canadá).

4.1.3 Países

Usualmente, uma das análises pertencentes à bibliometria verifica a quantidade de artigos publicados por país. Neste estudo, tal análise se deu em relação ao autor correspondente. Ao todo, 20 países foram listados, dos quais o Brasil é o mais produtivo, com oito publicações, o equivalente a 17% do total de documentos analisados (figura 3).



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da revisão sistemática (2022)

Segundo Lisboa e Tavernard (2013), no Brasil, a evolução da temática da sustentabilidade faz referência à exploração intensiva dos recursos naturais pelos portugueses, as quais têm caráter predatório de agressões ao meio ambiente. Ainda no Brasil, de acordo com Lisboa e Tavernard (2013), a gestão ambiental é caracterizada pela desarticulação dos diferentes órgãos envolvidos, o que fomenta as discussões acadêmicas sobre a insustentabilidade socioambiental e econômica.

4.1.4 Instituições

A análise das instituições mais influentes analisa o país de cada autor pertencente ao documento. Ao todo, 87 países foram detectados. Com três artigos aparecem o Brasil (Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Federal do Paraná), a Colombia (Universidade Militar Nueva Granada) e o Reino Unido (University of Hull). O Brasil ainda tem destaque, com a publicação de dois artigos, nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Santa Maria, Universidade do Oeste de Santa Catarina, Universidade do Sul de Santa Catarina e Universidade de São Paulo. Austrália, Canadá, Dinamarca e estados Unidos também publicam consideravelmente sobre a temática.

Segundo Brasil *et al.* (2014), é de grande importância o papel das universidades no

fomento das discussões sobre as atividades humanas e os impactos ambientais, e principalmente sobre as ações que possam mitigar tais problemas. Ainda para os autores, as universidades podem ser consideradas umas das principais responsáveis pela conscientização socioambiental.

Neste mesmo sentido, Conceição *et al.* (2006), Correia *et al.* (2010) e Žalėnienė e Pereira (2021), argumentam que a educação para a sustentabilidade é uma alternativa para reverter o quadro de insustentabilidade que a contemporaneidade se encontra. Segundo os autores, principalmente instituições superiores são muito responsáveis pela formação de profissionais que tenham uma conduta pró ambiental no ambiente profissional. Leal Filho *et al.* (2018) corroboram com essa discussão ao incentivarem que universidades fortaleçam as capacidades de professores, funcionários universitários e estudantes para aplicar uma abordagem integrativa da sustentabilidade e promover a valorização da epistemologia no ambiente de ensino.

4.1.5 Fonte

Já o indicador de fonte sumariza o número de documentos publicados por revista. 32 fontes foram identificadas neste estudo, cujo aquelas com pelo menos duas publicações foram listadas na tabela 1. A tabela 1, ademais, apresenta o Fator de Impacto, o *Cite Score* e o Qualis Capes das revistas. As três métricas analisam a qualidade das publicações, por meio da contabilização das citações recebidas pelos artigos publicados.

Tanto o Fator de Impacto quanto o *Cite Score* foram considerados com base nos últimos cinco anos. Já o Qualis Capes se relaciona a avaliação do triênio 2013-2016, nas áreas de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. De maneira geral, as principais revistas possuem alta qualidade e escopo interdisciplinar, ou seja, abrangem tanto a temática da educação, administração e sustentabilidade. Especificamente nas revistas levantadas neste estudo, não se identificou grande dispersão temática.

Tabela 1 – Principais revistas

Revista	Artigos	Fator de Impacto	Cite Score	Qualis Capes
Journal of Cleaner Production	8	9,297	-	A1
Futures	3	3,073	-	A1
Administração - Ensino e Pesquisa (RAEP)	2	-	-	B1
International Journal of Innovation and Sustainable Development	2	-	1,5	A2
Journal of Business Ethics	2	7,830	-	A1
Management Research and Practice	2	-	-	-
Organization and Environment	2	10,624	-	-
Supply Chain Management - An International Journal	2	9,439	9,3	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da revisão sistemática (2022)

4.1.6 Palavras-chave

Neste tópico, realizou-se uma análise das principais palavras-chave, considerando a ocorrência das mesmas. Nos 47 documentos, 196 palavras-chave, atribuídas pelos autores, foram identificadas. No entanto, cada revista adiciona palavras-chave extras (*keywords plus*) para aumentar a visibilidade dos artigos. Considerando as *keywords plus*, 224 palavras-chave são observadas, cujas principais são: “*sustainable development*”, com 16 ocorrências; “*knowledge*”, com cinco ocorrências; “*curricula*”, com quatro; “*business*”, com três; e “*learning*” também com três ocorrências.

Ainda com base nas 224 palavras-chave, uma nuvem foi construída, conforme ilustra a figura 4. A nuvem apresenta a ocorrência das palavras-chave atribuindo tamanho naquelas cuja relevância no corpo textual é maior. Neste estudo, o termo “*knowledge*”, ou “conhecimento”, é

o de maior constância no montante de documentos selecionados.

Figura 4 – Nuvem de palavras-chave



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da revisão sistemática (2022)

4.2 Análise exploratória

Embora o levantamento bibliométrico, a partir de análises quantitativas, apresenta o estado-da-arte da temática estudada nesta pesquisa, muitos resultados precisam de uma leitura mais direcionada para que se expliquem os números levantados. Com isso, realizou-se, adicionalmente, uma análise exploratória para uma melhor compreensão acerca das contribuições dos debates epistemológico sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável para a área da gestão empresarial. Para tanto, foram considerados 37 artigos.

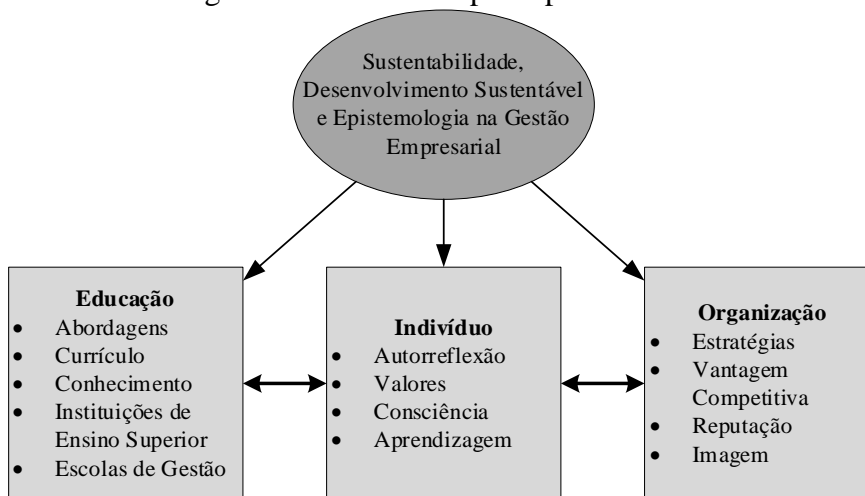
A análise exploratória dos artigos possibilitou a identificação de estudos, que investigaram através das lentes da epistemologia, a relação entre sustentabilidade e outras áreas relacionadas a gestão, como, marketing (BORLAND; LINDGREEN, 2013; KEMPER; BALLANTINE; HALL, 2020), empreendedorismo (LISBOA; TAVERNARD, 2013), ética (FERGUS; RONEY, 2005), gestão organizacional (LIN; LIN, 2011), ciclo de vida (LUCA *et al.*, 2018), economia circular (SEHNEM; VAZQUEZ-BRUST; PEREIRA *et al.*, 2019; SALAZAR; VARGAS; PASCAGAZA, 2021) e turismo (KHOO-LATTIMORE; YANG; JE, 2019; NICOLAIDES, 2020).

Outros estudos tratam sobre a relação entre educação, pesquisa e sustentabilidade, uma vez que, a temática requer o desenvolvimento de novas interfaces entre ciência, sociedade, e meio ambiente (CONCEIÇÃO *et al.*, 2006; CORREIA *et al.*, 2010; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; FAIRÉN, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; BARTER, 2016; FERNÁNDEZ; SANJUÁN; ÁVALOS, 2017; LESSA *et al.*, 2018; LEAL FILHO *et al.*, 2018; GARCÍA VACACELA; VILLAVICENCIO BERMUDEZ; MERA ORTIZ, 2018; TRINDADE *et al.*, 2019; PAN; PAN, 2020; MASSON *et al.*, 2021).

A partir da diversidade do arcabouço levantado, percebe-se que as diferentes visões de

mundo e crenças sobre sustentabilidade influenciam na educação, conscientização, transferência de conhecimento, compreensão e conseqüentemente na evolução da temática. Como síntese dos principais achados exploratórios deste estudo, a figura 5 foi criada.

Figura 5 – Síntese dos principais achados



Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

A partir da figura 5 é possível compreender uma tendência dos estudos se classificarem em três construtos: educação, indivíduo e organização. A partir das análises, verificou-se que o papel das universidades é essencial para a formação da conscientização socioambiental do indivíduo. O indivíduo, por sua vez, munido de informações e consciente de seu papel social frente aos desafios da sustentabilidade, pode influenciar a implementação de práticas de sustentabilidade no âmbito das organizações, bem como pode levar em consideração questões ambientais, sociais e econômicas em suas tomadas de decisão.

Neste contexto, Howlett, Ferreira e Blomfield (2016), elucidam a importância do pensamento crítico para um mundo mais sustentável. Para os autores, é necessário o desenvolvimento de uma nova geração de profissionais que pensem e tomem decisões à luz da sustentabilidade, ao passo em que as estruturas do ensino superior devem ser atualizadas, no que tange a educação para a sustentabilidade (BILODEAU; PODGER; ABD-EL-AZIZ, 2014; LEAL FILHO *et al.*, 2016). Nessa nova perspectiva, as universidades desempenham um papel funcional de desenvolvimento de pensamento crítico-reflexivo e não apenas de transferência de conhecimento (LEAL FILHO *et al.*, 2018).

Uma vez que a epistemologia trata sobre o conhecimento e a percepção do indivíduo sobre este, os resultados evidenciam que ao se debruçar sobre uma respectiva temática, o indivíduo é capaz de assimilar o conhecimento e conscientemente tomar decisões à luz do conhecimento adquirido. Nesse sentido, os autores também enfatizam que o ensino da gestão alinhada à sustentabilidade e ao desenvolvimento sustentável podem contribuir para a formação de empreendedores e gestores socioambiental e economicamente responsáveis (BILODEAU; PODGER; ABD-EL-AZIZ, 2014; LEAL FILHO *et al.*, 2016). Para isso, estes mesmos autores elucidam a necessidade da inclusão e ampliação de discussões sobre essas temáticas nos cursos de gestão de forma mais efetiva, por meio da alteração das grades curriculares, contemplando temas sobre gestão sustentável, logística reversa, economia circular, ecoempreendedorismo entre outros. Apesar do aumento percebido na evolução das discussões envolvendo a temática entre os anos de 1994 e 2021, ainda se observa um crescimento sinuoso.

De modo geral, os resultados evidenciaram alguns *gaps* de pesquisa, como a investigação da relação entre a formação e o comportamento socioambiental do empreendedor, a análise dos cursos de graduação e pós-graduação voltados à sustentabilidade, a verificação do

reflexo do conhecimento sobre o desenvolvimento sustentável na formatação de novos modelos de negócio e uma análise das regiões ou países que possuem cursos embasados no desenvolvimento sustentável e seu reflexo no mercado local.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando compreender a evolução dos debates epistemológicos acerca da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável na literatura, com foco na área de gestão, esta pesquisa, por meio da meta-análise constatou que apesar do aumento no número de pesquisas relacionadas à temática, ainda são poucas as publicações, totalizando 47 artigos nos últimos 27 anos. Ainda em relação a tais publicações, constatou-se que cerca de 95% dos estudos realizados foram utilizados métodos qualitativos, entre os quais 52% foram construídos sob a forma de ensaio teórico. Assim, percebe-se que a temática é pouco explorada quantitativamente e de forma aplicada.

Adicionalmente, uma análise minuciosa foi desenvolvida com 37 documentos para se compreender as temáticas debatidas. Neste ínterim, os resultados evidenciaram, do ponto de vista epistemológico, que o sustentecentrismo pode ser considerada a corrente que melhor enquadra as estratégias de sustentabilidade atuais. Ademais, identificou-se que em 35% dos estudos realizados, o avanço do desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade estão amplamente relacionados à educação, conteúdo curricular e sobretudo no papel das instituições de ensino superior como agentes de uma formação baseada em valores sustentáveis.

Portanto, a principal abordagem identificada é a curricular. Nesse sentido, a implementação de práticas de sustentabilidade na vertente corporativa pela ótica da epistemologia é dependente do nível de consciência do indivíduo sobre a sustentabilidade. Para Amoiradis e Srankova (2020), por exemplo, a falta de epistemologia leva a crise ecológica a se aprofundar ainda mais, pois é o resultado da ignorância ativa, onde as instituições estão cientes das causas do risco, mas não têm conhecimento para agir sobre os fatores que causam a crise de sustentabilidade.

Diante dos achados, este estudo tem três principais contribuições: i) do ponto de vista teórico, esta pesquisa contribui para a compreensão da tríade da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável, epistemologia e gestão empresarial em termos de evolução das temáticas debatidas; ii) de ordem prática, este estudo abre uma reflexão sobre a necessidade de reformulação das grades curriculares, haja vista que a sustentabilidade é resultado de um processo de conscientização do indivíduo que inicia juntamente com seu processo de aprendizagem e formação de personalidade e caráter; iii) por fim, do ponto de vista social, o estudo contribui para uma conscientização coletiva acerca da amplitude da sustentabilidade para além dos aspectos ambientais.

Este estudo reconhece, no entanto, que as corporações são apenas uma lacuna da sustentabilidade. Com isso, apesar do rigor metodológico adotado, este estudo não está isento de limitações. Primeiro, a *string* de busca e os filtros de seleção dos artigos foram definidos de forma subjetiva e mediante o interesse de pesquisa das autoras. Neste mesmo sentido, a leitura e o afinilamento temático ocorreu de forma arbitrária, ou seja, de acordo com a leitura e a interpretação dos autores.

Diante do exposto, encoraja-se pesquisas futuras oriundas de *strings* de buscas que abrangem outros campos, outros tipos de documentos, idiomas, áreas do conhecimento e outras bases de dados. Principalmente pesquisas quantitativas que propõem uma investigação entre sustentabilidade, estratégia, aprendizagem e cultura organizacional são demandas para melhor compreensão da temática em tela.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, C. L. N.; CANI, L. E.; BAZZANELLA, S. L.; MARCHESAN, J. Desafios epistemológicos do desenvolvimento sustentável. **Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 3-13, 28 fev. 2018.
- AMOIRADIS, C.; SRANKOVA, M. The systemic crisis and the need for sustainability: An overview. **Management Research and Practice**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 15-26, mar. 2020.
- ARIA, M.; CUCCURULLO, C. Bibliometrix: an R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of Informetrics**, [S.L.], v. 11, n. 4, p. 959-975. 2017.
- BALBINOT, Z.; BORIM-DE-SOUZA, R. Sustainable development and sustainability as quasi-objects of study in management. **Management Research: Journal of the Iberoamerican Academy of Management**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 153-186, 9 nov. 2012.
- BARBOSA, F. T.; LIRA, A. B.; OLIVEIRA NETO, O. B.; SANTOS, L. L.; SANTOS, I. O.; BARBOSA, L. T.; RIBEIRO, M. V. M. R.; SOUSA-RODRIGUES, C. F. Tutorial para execução de revisões sistemáticas e metanálises com estudos de intervenção em anestesia. **Brazilian Journal of Anesthesiology**, [S.L.], v. 69, n. 3, p. 299-306, maio 2019.
- BARTER, N. Strategy textbooks and the environment construct. **Organization & Environment**, [S.L.], v. 29, n. 3, p. 332-366, 1 ago. 2016.
- BAUTISTA-BERNAL, I.; QUINTANA-GARCÍA, C.; MARCHANTE-LARA, M. Research trends in occupational health and social responsibility: A bibliometric analysis. **Safety Science**, [S.L.], v. 137, p. 105167. 2021.
- BILODEAU, L.; PODGER, J.; ABD-EL-AZIZ, A. Advancing campus and community sustainability: strategic alliances in action. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, [S.L.], 2014.
- BODNAR, Z.; FREITAS, V. P.; SILVA, K. C. A epistemologia interdisciplinar da sustentabilidade: Por uma ecologia integral para a sustentação da casa comum. **Revista Brasileira de Direito**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 59-70, 18 dez. 2016.
- BONOTTO, E.; RUSCHEL, D.; JACQUES, J. J.; van DER LINDER, J. C. S. A sustentabilidade como um wicked problem. **Brazilian Journal of Development**, v. 4, n. 6, p. 3335-3351, 2018.
- BORIM-DE-SOUZA, R.; BALBINOT, Z.; TRAVIS, E. F.; MUNCK, L.; TAKAHASHI, A. R. W. Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory. **Cross Cultural Management**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 201-235, 5 maio 2015.
- BORLAND, H.; LINDGREEN, A. Sustainability, epistemology, ecocentric business, and marketing strategy: Ideology, reality, and vision. **Journal of Business Ethics**, [S.L.], v. 117, n. 1, p. 173-187, 9 out. 2013.
- BRASIL, M. V. O.; POMPEU, R. M.; OLIVEIRA, F. C. As bases epistemológicas do desenvolvimento sustentável. *In: Anais do XXXVIII Encontro da ANPAD*, 2014, Rio de Janeiro.
- BRETAS, V. P. G.; ALON, I. Franchising research on emerging markets: Bibliometric and content analyses. **Journal of Business Research**, [S.L.], v. 133, p. 51-65. 2021.
- BUNN, A.; KORPELA, M.; TEAM, R. A language and environment for statistical computing: An introduction to dplyr, 2013.
- CONCEIÇÃO, P.; EHRENFELD, J.; HEITOR, M.; VIEIRA, P. S. Sustainable universities: Fostering learning beyond environmental management systems. **International Journal of Technology, Policy and Management**, [S.L.], v. 6, n. 4, 2006.
- CORREIA, P. R. M.; VALLE, B. X.; DAZZANI, M.; INFANTE-MALACHIAS, M. E. The importance of scientific literacy in fostering education for sustainability: Theoretical considerations and preliminary findings from a Brazilian experience. **Journal of Cleaner Production**, [S.L.], v. 18, n. 7, p. 678-685, maio 2010.
- ELKINGTON, J. **Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business**. Oxford: Capstone, 1997.
- FERGUS, A. H. T.; ROWNEY, J. I. A. Sustainable Development: Epistemological frameworks & an ethic of choice. **Journal of Business Ethics**, [S.L.], v. 57, n. 2, p. 197-207, mar. 2005.
- FERNÁNDEZ, J. L. F.; SANJUÁN, A. B.; ÁVALOS, J. L. R. Epistemological approach to sustainability. *In: Contributions To Conflict Management, Peace Economics And Development*,

- [S.L.], p. 101-122, 6 set. 2017.
- FREITAS, J. **Sustentabilidade: Direito ao futuro**. 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012.
- GARCÍA VACACELA, R.; VILLAVICENCIO BERMUDEZ, N.; MERA ORTIZ, W. University sustainable development: Debates, policies and learning for Ecuador. **Revista Espacios**, [S.L.], v. 39, n. 15, 2018.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 5ª edição.
- HECTOR, D. C.; CHRISTENSEN, C. B.; PETRIE, J. Sustainability and sustainable development: Philosophical distinctions and practical implications. **Environmental Values**, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 7-28, 1 fev. 2014.
- HOWLETT, Cathy; FERREIRA, Jo-Anne; BLOMFIELD, Jessica. Teaching sustainable development in higher education: Building critical, reflective thinkers through an interdisciplinary approach. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, 2016.
- IQBAL, M. J.; KHIZAR, H. M. U. The epistemology of entrepreneurial responsible orientation (ERO): Theory, conceptualization, and future research. **Sage Open**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 1-12, abr. 2022.
- JI, Y. G.; TAO, W.; RIM, H. Mapping corporate social responsibility research in communication: A network and bibliometric analysis. **Public Relations Review**, [S.L.], v. 46, n. 5, 2020.
- KEMPER, J. A.; BALLANTINE, P. W.; HALL, C. M. Sustainability worldviews of marketing academics: A segmentation analysis and implications for professional development. **Journal of Cleaner Production**, [S.L.], v. 271, p. 122568, out. 2020.
- KHATIB, S. F. A.; ABDULLAH, D. F.; HENDRAWATY, E.; ELAMER, A. A. A bibliometric analysis of cash holdings literature: Current status, development, and agenda for future research. **Management Review Quarterly**, [S.L.], 2021.
- LEAL FILHO, W.; BRANDI, L.; KUZNETSOVA, O.; PAÇO, A. M. F. **Integrative approaches to sustainable development at university level**. Springer International Pu, 2016.
- LEAL FILHO, W.; RAATH, S.; LAZZARINI, B.; VARGAS, V. R.; SOUZA, L.; ANHOLON, R.; QUELHAS, O. L. G.; HADDAD, R.; KLAVINS, M.; ORLOVIC, V. L. The role of transformation in learning and education for sustainability. **Journal of Cleaner Production**, [S.L.], v. 199, p. 286-295, out. 2018.
- LEFF, E. Sustentabilidad y racionalidad ambiental: hacia “otro” programa de sociología ambiental. **Revista Mexicana de Sociología**, [S.L.], v. 73, n. 1, p. 5-46, jan./mar., 2011.
- LESSA, B. S.; SPIER, K. F.; NASCIMENTO, L. F. M. Barriers to Sustainability in Management Schools: A bourdieusian explanation. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 555-582, 23 ago. 2018.
- LISBOA, T. C.; TAVERNARD, S. R. The processing and marketing of seeds from the amazon city of Porto Velho, RO. **Journal Of Technology Management & Innovation**, [S.L.], v. 8, p. 57-58, 2013.
- LUCA, A. I.; FALCONE, G.; STILLITANO, T.; IOFRIDA, N.; STRANO, A.; GULISANO, G. Evaluation of sustainable innovations in olive growing systems: A life cycle sustainability assessment case study in southern italy. **Journal of Cleaner Production**, [S.L.], v. 171, p. 1187-1202, jan. 2018.
- MASSON, J. E.; SOUSTRE-GACOUGNOLLE, I.; PERRIN, M.; SCHMITT, C.; HENAUX, M.; JAUGEY, C.; TEILLET, E.; LOLLIER, M.; LALLEMAND, J. Transdisciplinary participatory-action-research from questions to actionable knowledge for sustainable viticulture development. **Humanities And Social Sciences Communications**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 1-9, 25 jan. 2021.
- NAGATSU, M.; DAVIS, T.; DESROCHES, C. T.; KOSKINEN, I.; MACLEOD, M.; STOJANOVIC, M.; THORÉN, H. Philosophy of science for sustainability science. **Sustainability Science**, [S.L.], v. 15, n. 6, p. 1807-1817, 22 jun. 2020.
- NOBANEH, H.; HAMADI, F. Y. A.; ABDULAZIZ, F. A.; ABUKARSH, L. S.; ALQAHTANI, A. F.; ALSUBAEY, S. K.; ALQAHTANI, S. M.; ALMANSOORI, H. A. A bibliometric analysis of sustainability and risk management. **Sustainability**, [S.L.], v. 13, n. 6, p. 3277. 2021.
- OKOLI, C. Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. **EaD em Foco**, [S.L.], v. 9, n. 1, 201p.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **RIO+20: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – O futuro que queremos** Disponível em:

- <<https://riomais20sc.ufsc.br/files/2012/07/CNUDS-vers%C3%A3o-portugu%C3%AAs-COMIT%C3%8A-Pronto1.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- OSORIO, L. A. R.; LOBATO, M. O.; CASTILLO, X. Á. An epistemology for sustainability science: A proposal for the study of the health/disease phenomenon. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 48-60, abr. 2009.
- PAN, M.; PAN, W. Knowledge, attitude and practice towards zero carbon buildings: Hong Kong case. **Journal of Cleaner Production**, [S.L.], v. 274, p. 122819, nov. 2020.
- POTT, C. M.; ESTRELA, C. C. Histórico ambiental: Desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 31, n. 89, p. 271-283, abr. 2017.
- ROCHA, P. E. D. *Epistemologia, vida e sustentabilidade: Buscando entender a complexidade da questão ambiental*. Capítulo de Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.iecomplex.com.br/uploads/Epistemolog.htm>>. Acesso em 25 abr. 2022.
- SALAZAR, O. C.; VARGAS, F. M.; PASCAGAZA, E. G. Circular economy and reducing consumption from a decolonial approach. **Cuadernos de Administración**, [S.L.], v. 37, n. 70, p. 1-15, 10 ago. 2021.
- SERVA, M. O surgimento e o desenvolvimento da epistemologia na administração: Inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. *In: Anais do XXXVI Encontro da ANPAD*, 2012, Rio de Janeiro.
- SILVA, A. P. R.; ANTICH, A. V. A sustentabilidade sob a perspectiva da gestão escolar: desafios e possibilidades. **RELACult-Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, v. 6, 2020.
- SILVA, D. M.; ARAÚJO, D. O. H.; SILVA, M. F. L. As determinações epistemológicas da justiça ambiental no âmbito da complexidade dos valores do meio ambiente. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 391-408, mai./ago., 2019.
- SOUZA; M. C. S. A.; ARMADA, C. A. S. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade: Evolução epistemológica na necessária diferenciação entre os conceitos. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 17-35, jul./dez. 2017.
- STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito. **Revista MANA**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.
- TRINDADE, N. R.; TREVISAN, M.; LIMA, É. S.; FAVARIN, R. R. Educando para o desenvolvimento sustentável por meio da interdisciplinaridade: Contribuições da aprendizagem experiencial no ensino de gestão. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 673-713, 1 set. 2019.
- UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME (UNEP). **Marcos Ambientais: Linha do tempo dos 75 anos da ONU**. 2020. Disponível em: <<https://www.unep.org/pt-br/news-and-stories/story/environmental-moments-un75-timeline>>. Acesso em 19 jun. 2022.
- VIÉGAS, R. N. Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S.L.], n. 19, p. 145-157, jan./jun. 2009. Editora UFPR.
- VILDÅSEN, S. S.; KEITSCH, M.; FET, A. M. Clarifying the epistemology of corporate sustainability. **Ecological Economics**, [S.L.], v. 138, p. 40-46, ago. 2017.
- WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT (WCED). *Our Common Future (The Brundtland Report)*, Oxford University Press, Oxford, 1987.
- ŽALĖNIENĖ, I.; PEREIRA, P. Higher education for sustainability: A global perspective. **Geography and Sustainability**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 99-106, 2021.
- ZAMPIERI, S. L. Proposta de instrumento gráfico para avaliar a sustentabilidade dos sistemas agrícolas da Região da UPR 1 – Oeste Catarinense. *In: Congresso Brasileiro Decadário Técnico Multifinalitário*, 2006, Florianópolis.
- ZUPIC, I.; ČATER, T. *Bibliometric methods in management and organization*. **Organizational Research Methods**, Sage Publications: Los Angeles, CA, v. 18, n. 3, p. 429-472, 2015.